

A imaginação na sociologia de Charles Cooley The imagination in Charles Cooley's sociology

Iuri Yudi Furukita Baptista ¹

¹Mestre em Comunicação Social pela Famescos/PUCRS (2013-2015); aluno especial do PPGCOM ECA/USP (2012); e bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela UEL (2008-2011). - iuri.baptista@gmail.com

Recebido em 16 de junho de 2016; Aceito em 14 de dezembro de 2016.

Resumo

Nos estudos de Charles Horton Cooley, a imaginação é designada como o palco do relacionamento social, sendo o fundamento da sociabilidade humana devido ao seu poder de interatividade. Partindo de uma interpretação dos amigos imaginários infantis, Cooley termina por concluir que a sociologia não somente deve estudar a sociedade do ponto de vista da imaginação, como deve fazer dela seu objeto primeiro. A proposta do presente trabalho é expor resumidamente as características e papéis sociais atribuídos por Cooley à imaginação.

Palavras-chave: Imaginação, Sociedade, Interacionismo simbólico, Charles Cooley.

Abstract

In Charles Horton Cooley studies, imagination is assign as the place of the social intercourse, thus being the fundamental point of human sociability due its interactivity power. Starting with a new interpretation of the child's imaginary friends, Cooley ends up concluding that sociology should not only study society from the standpoint of the imagination, but, as well, should make the imagination its prior subject. This paper purpose is to expose summarily the features and social functions given from Cooley to imagination.

Keywords: Imagination, Society, Symbolic Interacionism, Charles Cooley.

INTRODUÇÃO À COOLEY

Em 1864, Thomas Cooley chega ao auge de sua carreira ao ser admitido para a Suprema Corte de Michigan e, em agosto, ganha o quarto (do que somariam seis) filho: Charles Horton Cooley. Devido ao vínculo do patriarca com a Universidade de Michigan, a casa da família Cooley situava-se em frente ao campus. Dessa forma, Charles Cooley já nasceu e cresceu sob influência e inspiração da comunidade acadêmica à qual permaneceria vinculado ao longo de toda a vida.

Por seu hábito de escrever diários, existe notável clareza e solidez nos relatos acerca da retraída infância de Charles Cooley, que foi caracterizada pela fragilidade física, pelo comportamento introspectivo e pelo sombreamento de um pai “ambicioso, intenso e ferozmente competitivo” (CZITROM, 1982, p.94).

Em seus diários e correspondências, descobre-se que ele sofreu com uma miserável saúde entre as idades de oito e vinte anos. Atormentado por constipação crônica, um problema de fala e timidez aguda, Cooley encontrou conforto em uma vida interna zelosamente guardada. (CZITROM, 1982, p.94)

Com poucas amigas e muitas leituras, Cooley confrontava seu acanhamento e passividade sonhando-se um grande líder e habilidoso orador. “Minha vida mais intensa sempre era uma vida imaginária. Eu fazia um pouco, lia uma grande quantidade e almejava infinitamente” (COOLEY *apud* CZITROM, 1982, p.94). Tal qual qualquer garoto, começou lendo aventuras, como Oliver Optic, mas a partir dos treze anos passou a se arriscar em Macaulay, Burke, Fox, Erskine e Webster (ANGELL, 1956, p.viii).

Mesmo um leitor onívoro profundamente interessado em assuntos humanos, Cooley ingressa no curso de engenharia da Universidade de Michigan em 1883. Seus estudos se alongaram por sete anos devido a crises de saúde, um período de estudos na Alemanha, férias na Suíça e dois empregos: um de projetista no *Interstate Commerce Commission* (ICC) do Estado de Michigan e outro de estatístico no *Bureau of the Census* em Washington D.C.

Em 1890, ano em que termina sua graduação, Cooley se casa com Elsie Jones, filha do chefe de departamento da faculdade de medicina da Universidade de Michigan (UM). A Sra. Cooley era culta e, diferente do marido, energética, social e extrovertida (COSER, 1971, p.316). Embora fosse professor assistente desde 1889, somente depois de passar seis meses viajando com a esposa pelas colinas italianas é que Cooley se torna professor interino da UM.

Com a carreira encaminhada, Cooley finalmente se sente independente para abandonar os empregos “realistas” e as pesquisas “duras” que seu pai provavelmente aprovava (COSER, 1971, p.116). Em 1894, aceita o convite de Henry Carter Adams, chefe do Departamento de Economia da UM, para ministrar sua primeira disciplina em sociologia, um então jovem campo científico. Nesse mesmo ano, sua dissertação *The Theory of Transportation* é aceita como tese de doutorado.

Publicada pela *Publications of the American Economic Association* em maio de 1894, sua tese em economia é fruto de reflexões feitas ao longo dos dois anos como projetista do ICC. Nela, Cooley se inspira em estudos alemães e franceses que tratam o transporte sob o aspecto social, em especial, *Bau und Leben des sozialen Körpers* [1875-1878] de Albert Schäffle. Daniel Czitrom (1982, p.98) argumenta que a tese tratava menos de transporte e mais de comunicação em seu sentido amplo.

Na indústria estadunidense, nas cidades, em toda a vida social, Cooley enxergava um movimento em direção a uma unidade que era guiada por um mecanismo crítico: “comunicação em seu sentido mais amplo; comunicação de ideias, de commodities físicas entre um tempo e outro, entre um lugar e outro. Esses são os

fiões que mantêm a sociedade unida; toda a unidade depende deles”. (CZITROM, 1982, p.96)

A biografia de Cooley é um aspecto fundamental para compreender sua teoria psicossocial, pois como não saia a campo para observações científicas, seu objeto empírico se resumia a própria vida, círculo social e seus próprios filhos: Rutger, Margaret e Mary Elizabeth (ANGELL, 1956, p.ix). Em seu diário, confidenciou: “uma verdadeira sociologia é autobiografia sistemática” (*apud* CZITROM, 1982, p.93). Para Cooley, sua sociologia era apenas “a continuação, alargamento e verificação de seus diários” (*apud* CZITROM, 1982, p.94).

Nesse aspecto específico, Cooley se diferenciava da corrente de pesquisas que inauguraram a sociologia estadunidense e dominaram esse campo científico na primeira metade do século XX: a Escola de Chicago. Cooley também não estudou ou lecionou em Chicago, ainda assim, Francisco Rüdiger (2011, p.39) e Carlos Araújo (2010, p.119) colocam Cooley como integrante da Escola, e Daniel Czitrom ressalta que “uma rede de conexões biográficas e intelectuais conectam esses teóricos [Charles Cooley, John Dewey & Robert Park]” (1982, p.91).

Em relação ao ritmo de pesquisa, Lewis Coser explica o relativamente pequeno número de publicações à ausência da pressão produtiva que hoje é conhecida por “publique ou pereça”.

Suas três obras principais, *Human Nature and the Social Order* (1902), *Social Organization* (1909) e *Social Process* (1918), cresceram lenta e organicamente de anotações que fez durante longos períodos de tempo e foram destiladas de suas reações informadas em relação a uma grande variedade de estímulos recebidos do âmbito extraordinário de suas leituras. (COSER, 1980, pp.403-404)

Além de sua devoção a Ralph Emerson e Johann Goethe, Cooley também utilizou frequentemente Thoreau, Montaigne, Pascal, Thomas à Kempis, Marcus Aurelius e Dante como referenciais (ANGELL, 1956, p.x). Fora da sociologia propriamente dita, Cooley também tinha forte influência de Charles Darwin e do evolucionismo social, assim como todos os teóricos que inauguraram o campo da ciência social nos Estados Unidos a partir de meados do século XIX.

Para Coser (1980), a sociologia estadunidense surge liderada pelo movimento evangélico reformista contra os abusos de poder, a desigualdade social e as condições degradantes dos subúrbios resultantes do surto de urbanização que o país testemunhou após sua Guerra Civil (1861-1865). “Eles estavam ansiosos por transformar a América num país mais de acordo com a mensagem moral da doutrina cristã.” (COSER, 1980, p.380)

Segundo o mesmo autor, os pastores, que antes eram defensores do *status quo*, mudaram de atitude por terem perdido a reverência com a qual eram tratados antes da Guerra Civil. Embora os sociólogos do reformismo tivessem tendência a perder ou suavizar a fé sob influência de Herbert Spencer e Charles Darwin, ao menos até 1945, com o fim do domínio da Escola de Chicago, o reformismo protestante estaria presente no campo estadunidense:

No que diz respeito aos primeiros presidentes da Sociedade Sociológica Americana, Giddings, Thomas e Vincent haviam nascido em famílias de religiosos, enquanto Sumens, Small, Vincent, Hayes, Weatherly, Lichtenberger, Gilin e Gillet haviam seguido a carreira de pastores protestantes antes de se tornarem sociólogos. (COSER, 1980, p.379)

Nesse ponto, Cooley mantém a influência marcante do darwinismo, mas rompe com o organicismo de Herbert Spencer ao aderir às críticas feitas por seu professor em Michigan, John Dewey (CZITROM, 1982,

p.92). É justamente com a leitura reformista de *A origem das espécies* que Cooley inicia seu primeiro livro, *Human Nature and Social Order* [1902]: “Nos últimos anos, passamos a olhar para todas as questões da vida humana a partir de um ponto de vista evolucionário” (1922, p.03).

Para reforçar a mutabilidade da natureza humana e, portanto, a possibilidade de progresso, ele afirma existir dois fluxos evolutivos na humanidade: um de capital biológico, transmissível pelo que chama genericamente de germoplasma; e outro de capital social (educação, artes, linguagem, crenças, ou seja, aquilo que hoje se entende popularmente por cultura), transmitido pela comunicação e sociabilização.

A compreensão desse fluxo histórico-biológico, para Cooley, torna perceptível a relação orgânica que impossibilita a dissociação entre o indivíduo e o coletivo. “Um indivíduo separado é uma abstração desconhecida em experiência, e o mesmo vale para uma sociedade considerada como algo à parte dos indivíduos” (COOLEY, 1922, p.36). Esse é o ponto principal de *Human Nature and Social Order*: não existe oposição, mas completa dependência entre o individual e o social.

Cooley sustentava firmemente duas proposições: que a mente é social e que a sociedade é mental. A primeira delas se tornou um lugar comum no sentido de que qualquer estudante competente reconhece que a mente de uma pessoa se desenvolve através de interação social. [...] Sua [da segunda proposição] essência é que A interage com ideia que tem de B e, por isso, a ideia que A tem de B é o verdadeiro B para A. (ANGELL, 1956, p.xvi)

A partir dessas premissas, Cooley revisa diversos assuntos, valores e conceitos para relativizá-los ou limitá-los a meras convenções sociais. Observando o surgimento da autoconsciência, da alteridade e da sociabilidade na tenra infância de seus próprios filhos, Cooley aprofunda os trabalhos de James Baldwin e William James sobre o indivíduo social e a dialética do crescimento pessoal. Sua conclusão é a de que a personalidade individual emerge da sociabilidade comunicativa (COOLEY, 1922, p.48).

Esse processo de trocas que formam um indivíduo não ocorre da mesma forma com toda a sociedade, mas com uma intensidade variável em que os grupos primários (familiares, amigos, colegas profissionais e religiosos) são os principais responsáveis pela herança social (linguagem, fé, ética, usos e costumes) de um indivíduo. “Eles são primários em diversos sentidos, mas principalmente por serem fundamentais na formação da natureza social e dos ideais dos indivíduos” (COSER, 1971, p.307).

Complementando sua caracterização do indivíduo, Cooley publica a próxima obra, *Social Organization* (1909), focada em descrever a natureza e funcionamento da sociedade. Se o primeiro livro conclui que as patologias individuais (criminalidade, delinquência, divórcio, egoísmo, suicídio) não são intrínsecas à natureza do malfeitor, mas originadas da ignorância ética ou da má formação moral; as patologias sociais teriam origem na falta de empatia entre seus integrantes.

A filosofia social de Cooley estava fundada na ideia de que o progresso humano envolve contínua expansão da simpatia humana, de forma que os ideais do grupo primário se alastrariam da família para a comunidade local, para a nação e, finalmente, para a comunidade global. (COSER, 1971, p.309)

É o surgimento dos meios de comunicação em massa – ferrovias transcontinentais, serviços postais baratos, jornais diários e telégrafo – que tornou possível vislumbrar a ampliação da empatia social por colocar as pessoas em contato com realidades antes inacessíveis. Para Cooley, a empatia só é possível com a identificação imaginária do outro, ou seja, quando um indivíduo se coloca no lugar de outro. E esse processo pressupõe uma relação, um contato, uma comunicação.

Com esse pensamento, seja agregado a John Dewey e Robert Park (CZITROM, 1982, p.91) ou Edward

Ross e William Sumner (HARDT, 1992, p.58), Charles Horton Cooley é um dos primeiros pensadores sociais a reconhecer a comunicação moderna como um objeto fundamental ao estudo da sociedade. Peter Simonson ainda tomaria partido em favor dele: “mais que qualquer outro pensador, [Cooley] merece o título de fundador intelectual do estudo da comunicação na América do Norte” (2012, p.01).

Os novos meios de comunicação e o surgimento do que Cooley chama de opinião pública – não apenas a soma dos julgamentos individuais, mas a opinião resultante da comunicação e influência cooperativa e recíproca da sociedade – contribuem para o alargamento da empatia entre as pessoas por quatro fatores de eficiência: expressividade (a gama de ideias e sentimentos que o meio é capaz de conter); permanência (a superação do tempo); agilidade (a superação do espaço); e difusão (a acessibilidade a todas as classes).

O resultado final dessa empatia resultaria em uma “verdadeira” democracia, pois o governo, que para Cooley se legitima na vontade pública, será capaz de agir conforme a expressão pública. “O mundo moderno, então, apesar de sua complexidade, pode se tornar fundamentalmente mais simples, mais consistente e razoável” (COOLEY, 1909, p.418). Não é extraordinário que Philip Rieff e George Mead (*apud* COSER, 1971, p.309) enxerguem em Cooley uma ingenuidade provinciana muito característica do contexto social em que viveu?

A IMAGINAÇÃO DO “EU”

A psicologia individual está para a mentalidade social como um único instrumento está para uma orquestra. “A mente é uma integridade orgânica constituída por individualidades cooperantes, em certa maneira, da mesma forma que a música de uma orquestra é constituída por sons divergentes, mas relacionados” (COOLEY, 1909, p.03). Com essa analogia, Cooley quer mostrar que todas as ações e pensamentos de um indivíduo são influenciados e influenciadores do comportamento social ao qual participa.

Assim, a organização social de que trata o livro é “essa unidade diversificada de vida mental ou social presente na mais simples relação, porém capaz de infinito crescimento e adaptação” (COOLEY, 1909, p.04). Nesse ponto, Cooley se esquivava de definir detalhadamente o que entende por organização social, dizendo ser mais relevante visualizar o conceito que o definir.

Para o autor, grande parte das influências sociais são inconscientes: mudanças linguísticas, implicações governamentais ou declínios de hegemonias, como exemplos, passam, por uma razão ou outra, despercebidas aos que vivenciam esses acontecimentos. Porém, Cooley considera um erro separar acontecimentos pessoais, que em grande parte são conscientes, dos sociais. “O indivíduo e a sociedade são gêmeas, [...] a noção de um ego separado e independente é uma ilusão” (COOLEY, 1909, p.05).

Descartes, corrige Cooley, poderia muito bem ter dito “pensamos, logo existimos”. Isso porque o senso comum está acostumado a olhar para o indivíduo como o fator primário da vida, porém, com uma inversão de ângulos, é possível perceber que o indivíduo só existe a partir da sua existência em um conjunto. “O que não vem por hereditariedade, vem por comunicação e relacionamento; e quanto mais de perto olhamos, mais evidente fica que a individualização é uma ilusão dos olhos e que a comunidade é a verdade interior” (COOLEY, 1909, p.09).

Um dos motivos pelo qual o indivíduo e a sociedade são instâncias de uma mesma coisa é a onipresença da sociedade no pensamento individual. Não somente porque o indivíduo herda da sociedade as palavras com as quais pensa, mas por que quando o indivíduo se imagina, ele se imagina para alguém, ele se imagina para e como o outro. Como será exposto, essa noção de que os indivíduos estão sempre socialmente conscientes de si mesmo é o que Cooley chama de *self-looking-glass*.

O termo “*self*” em Cooley se distancia do “ego” utilizado por metafísicos e moralistas, buscando designar o mais simples, direto e popular significado possível da palavra. Ao evitar qualquer mistério ou obscurantismo, o autor entende *self* como aquilo que impregna os pronomes da primeira pessoa do singular: eu, meu, me, mim, comigo. O *self* é aquilo que esses pronomes indicam, algo tão simples e instintivo que é corretamente compreendido e utilizado por pessoas simples e crianças pequenas.

Mas, talvez, a melhor forma de perceber o significado ingênuo que “eu” possui seja ouvindo para a conversa de crianças brincando juntas, especialmente se elas não se derem muito bem. [...] Ainda, se “eu” não denotasse uma ideia bastante parecida em todas as mentes e não fosse razoavelmente distinguível de outras ideias, ele não poderia ser usado livre e universalmente como um recurso de comunicação. (COOLEY, 1922, pp.174-175)

Observando os usos do “eu” em um discurso, Cooley diz que sequer 10% das vezes em que for empregado estará se referindo ao corpo do indivíduo, e majoritariamente se referirá às ideias, sentimentos, opiniões. Além disso, “meu” não deixa de ser uma variação do pronome “eu”, tornando “eu” muito ligado e utilizado para se referir à posse. Assim, o *self* seria um instinto inerente à natureza humana que estimula e unifica as atividades particulares de um indivíduo. O *self* é um formador de identidade.

Uma vez definido o *self*, Cooley passa para o *self* social: “O *self* social é simplesmente qualquer ideia, ou sistema de ideias, retirado da vida comunicativa que a mente acalenta como sua própria” (COOLEY, 1922, p.179). Ou seja, o *self* social é qualquer *self* que uma pessoa adota como seu após tê-lo conhecido pela comunicação. Contudo, se o indivíduo é inseparável da sociedade, o *self* pessoal também é inseparável do social e, nesse sentido, todo *self* é social.

O “eu”, a partir do organicismo de Cooley, seria como um órgão do corpo humano, um fígado, por exemplo. Fora do sistema digestivo, circulatório, respiratório, ele perderia sua identidade, pois não mais teria papel ou sequer vida. Além disso, ele só ganha um forte senso de existência quando se comunica, quando “sociabiliza”, quando dói. Todo “eu” depende do “outro”, explica Cooley. “Não existe senso de ‘eu’, como em orgulho ou vergonha, sem seu correlativo senso de você, ele ou eles” (COOLEY, 1922, p.182).

É desse raciocínio que surge a comparação do *self* social com um espelho (*self-looking glass*). O “eu” é social porque quando nos olhamos-nos, quando nos percebemos, não percebemos apenas sob nosso ponto de vista, mas também sob o ponto de vista do “outro”. “Então, na imaginação, nós observamos na mente de outra pessoa alguns pensamentos sobre nossa aparência, maneiras, objetivos, façanhas, caráter, amigos e assim por diante, e somos diversamente afetados por isso” (COOLEY, 1922, p.184).

O *self* social é um espelho pelo qual o indivíduo se olha pelos olhos alheios, porém, para Cooley, a metáfora do espelho não contempla todos os três principais elementos que ele diz compor a ideia de si mesmo (*self-idea*): “a imaginação de nossa aparência para a outra pessoa; a imaginação do julgamento da pessoa a cerca dessa aparência; e algum tipo de sentimento de si mesmo, tais quais orgulho ou mortificação.” (COOLEY, 1922, p.18) O espelho, adverte Cooley, não sugere o indispensável segundo elemento, tornando a comparação do *self* social com um espelho insuficiente.

A IMAGINAÇÃO, A SOCIEDADE, O PENSAMENTO E A COMUNICAÇÃO

No terceiro capítulo de *Human Nature and the social order* [1902], Charles Cooley apresenta sua compreensão sócio antropológica de imaginação ao tratar da sociabilidade humana e das ideias pessoais. A primeira questão com que trabalha é a origem da sociabilidade, que para o autor, é instintiva porque desde as primeiras semanas, bebês são capazes de sorrir e fazer as mais variadas expressões faciais. “era como se

a criança estivesse ensaiando um repertório de expressões emocionais que a pertenciam por instinto” (COOLEY, 1922, p.82)

A partir dos dois meses, bebês já demonstram claramente a associação entre prazer sensorial – um som, um toque, um gosto que agrada o bebê - e sorrir. Cooley não acredita que essas primeiras formas de sociabilidade sejam mera imitação, porque suas crianças não faziam muita distinção entre sociabilizar com pessoas ou com objetos inanimados “como uma tela japonesa vermelha, um abajur flexível, uma maçaneta brilhante, uma laranja e coisas do gênero, balbuciando e sorrindo para eles de tempo em tempo” (COOLEY, 1922, p.83).

Além disso, Cooley pensa ser improvável que os bebês aprendam a sorrir por mimese, “um bebê não sorri por imitação, mas porque foi agradado” (Cooley, 1922, p.84). Se muitos acreditam que eles sorriem ao verem um adulto sorrir, é apenas porque os adultos estão sempre sorrindo ao verem bebês. Quando o bebê sorri ao ser interpelado por um adulto, sorri por ver o adulto, não para responder ao sorriso do interpelador. “Ele ainda não aprendeu a apreciar esse fenômeno bastante sutil” (COOLEY, 1922, p.84).

Diante dessa análise, de outros exemplos descritos em estudos do comportamento infantil e de suas próprias experiências com seus filhos, Cooley chega à conclusão de que “as crianças têm por hereditariedade uma generosa capacidade e necessidade por sentimento social, [...] talvez sociabilidade seja uma boa palavra para esse sentimento tanto quanto outra” (COOLEY, 1922, p.86). A típica necessidade de chamar atenção e receber incentivos encontrada em crianças seria prova dessa capacidade biológica de sociabilizar dos humanos.

Porém, o potencial de sociabilidade das crianças para perceber e levar em consideração as respostas que recebe de seus interlocutores ainda é baixa, elas ainda não possuem a capacidade de perceber quando entediam ou mesmo quando machucam o outro. “Sociabilidade nesse formato simples é uma alegria inocente e inconsciente, primária e amoral, como todas as emoções simples” (COOLEY, 1922, p.87). Isso porque ainda falta empatia, a consciência do alter.

São nos primeiros anos da infância, nesse estágio primário de sociabilidade que as crianças desenvolvem os amigos imaginários. “Não é uma prática casual, mas, inclusive, uma necessária forma de pensar...” (COOLEY, 1922, p.88). A partir do momento em que aprendem a falar, a necessidade de se comunicar inunda suas imaginações e todos os pensamentos se tornam conversas. Sobre seu filho aos três anos, Cooley escreve: “Todo pensamento parecia ser pronunciado em voz alta. Se sua mãe o chamava, ele diria, ‘Eu preciso ir agora’. Quando escorregava e caía no chão, ouvia-se dizer, ‘Você caiu? Não. Eu caí’” (COOLEY, 1922, p.89).

Cooley, então, escreve que esse hábito característico da tenra infância é o embrião da capacidade reflexiva adulta: “o diálogo imaginário supera o pensamento em voz alta das pequenas crianças para algo mais elaborado, reticente e sofisticado; mas nunca cessa” (COOLEY, 1922, p.89). Ou seja, amigos imaginários não são meramente passatempos infantis, mas expressam a própria necessidade de pensar natural ao ser humano.

A passagem do diálogo imaginário para a reflexão introspectiva equivaleria à transição entre a leitura em voz alta para a leitura silenciosa. Tanto a mente das crianças, quanto a dos adultos, afirma Cooley, estão em constante conversação. “É uma daquelas coisas que nós raramente notamos somente porque são muito familiares e involuntárias; mas nós podemos percebê-las se tentarmos” (COOLEY, 1922, p.90).

A primeira das consequências dessa equivalência entre diálogo imaginário e pensamento interessa ao estudo da comunicação pela relação que pressupõe entre o pensamento, a sociabilidade e a comunicação. “O impulso de comunicar não é tanto um resultado do pensamento como é uma parte inseparável do pensa-

mento. Eles são como raiz e galhos, duas fases de um crescimento comum, de forma que a morte de um logo envolve a do outro” (COOLEY, 1922, p.92). Ou seja, pensar e comunicar se implicam.

De volta aos amigos imaginários, Cooley faz notar que não existe, do ponto de vista social, diferença entre um amigo imaginário e um amigo real. Isso porque todas as pessoas reais só passam a existir socialmente para um indivíduo quando interagem ou chegam, através da comunicação, ao conhecimento desse indivíduo. “A presença sensível é importante principalmente por nos estimular a fazer isso [criar uma identidade imaginária da pessoa com quem socializamos].” (COOLEY, 1922, p.96)

Uma vez que a sociabilidade só acontece pela comunicação, ela acontece simultaneamente por necessidade na instância do pensamento, o diálogo imaginário. Logo, “todas as pessoas são imaginárias nesse sentido” (COOLEY, 1922, p.96) e, por simetria, “a vida da mente é essencialmente uma vida de relacionamentos” (COOLEY, 1922, p.97).

A consequência da primeira afirmação é que toda a vida social está mediada pelo que Cooley chama de ideias pessoais. As ideias pessoais englobam concepções e julgamentos instintivos, mas não hereditários, das coisas e pessoas. Eles são formados indeterminadamente pelo encontro das experiências do indivíduo e sua personalidade biológica, criando um conjunto inconsciente de símbolos que associa estímulos sensoriais à sentimentos.

Quando um indivíduo se depara com um objeto, um animal, uma pessoa ou qualquer situação, ela poderá ter uma gama infinita de estados de espírito: medo, empatia, pena, felicidade, indiferença. É papel das ideias pessoais definir esse sentimento, refletindo também, mas não somente, as experiências passadas. Como as ideias pessoais intermediam o contato com as pessoas, é por meio delas que os indivíduos ou grupos de indivíduos interagem entre si:

Minha associação com você evidentemente consiste na relação entre minha ideia sobre você e o resto de minha mente. Se existe algo em você que é completamente alheio a isso e não me gera impressões, esse algo não possui existência social nessa relação. A realidade social imediata é a ideia pessoal; nada, aparentemente, poderia ser mais óbvio que isso. (COOLEY, 1922, p.119)

Já a segunda afirmação importa na definição da natureza da sociedade: “para que a sociedade exista, é evidentemente necessário que as pessoas devam se reunir em algum lugar; e elas se reúnem como ideias pessoais somente na mente. Onde mais?” (COOLEY, 1922, p.119). Segundo Cooley, a sociedade tem natureza absolutamente imaterial, embora se faça valer de suportes materiais – os meios de comunicação, incluindo a linguagem - para se propagar e perpetuar.

Determinar a mente como *locus* da sociedade explica porque uma mesma coisa ou pessoa pode possuir existências sociais distintas para diferentes indivíduos. Também possibilita que pessoas mortas, personagens fictícios ou figuras religiosas tenham – como evidentemente têm – papéis sociais. Afinal, o autor exemplifica, Coronel Newcome, Romola e Hamlet podem ser mais reais e possuir papéis sociais mais relevantes para um indivíduo que eventuais pessoas corporais com quem esse indivíduo tenha proximidade, mas nenhum contato.

“Eu concluo, portanto, que as imaginações que as pessoas têm uma das outras são os fatos sólidos da sociedade, e que observar e interpretar isso deve ser o objetivo principal da sociologia” (COOLEY, 1922, p.122). E ele ressalta: não se trata apenas de estudar a sociedade do ponto de vista da imaginação, mas que a imaginação deve ser o objeto primário da pesquisa sociológica. Se a natureza da sociedade é imaterial, assim

deve ser o objeto de estudo da sociologia.

À impossibilidade de distinção entre indivíduo e sociedade, Cooley afirma que “o indivíduo e o outro não existem como fatos sociais mutualmente exclusivos...” (COOLEY, 1922, p126). Para Cooley, não existe o “eu” sem sua complementariedade às referências externas, sem a dependência da existência do outro que se desenvolve por associação e comunicação social desse indivíduo.

A percepção de indivíduos literalmente individuais – suficientes em si – sequer pode ser um viés puramente físico, dada à dependência hereditária do corpo humano. Cooley pede ao leitor que imagine nossa mente como um quadro, uma parede infinita, cravejada de lâmpadas. Cada uma das lâmpadas corresponde a um pensamento ou impulso mental e acende ou apaga conforme a presença desse pensamento ou impulso em nossa consciência.

Se algo aperta o botão correspondente ao meu amigo A, uma figura de forma peculiar aparece nessa parede; quando esse botão é solto e o botão correspondente ao amigo B é apertado, outra figura aparece, incluindo talvez várias das mesmas lâmpadas. A figura ainda é única como conjunto, embora não em suas partes; (COOLEY, 1922, pp.131-132)

Com isso, Cooley quer mostrar que socialmente importa somente aquilo que habita a imaginação. “É a pessoa imaginária que nós amamos ou odiamos, imitamos ou evitamos, que nos ajuda ou nos atrapalha, que molda nossas vontades e nossas carreiras” (COOLEY, 1922, p.133). Como comparação, o autor deixa a analogia de que um esbarrão físico entre transeuntes de uma calçada é nada relevante, é instantaneamente esquecida. Por outro lado, são os esbarrões na imaginação que mantêm as pessoas acordadas depois que deitam na cama.

Enfim, a percepção de que os diálogos infantis com amigos imaginários caracterizam apenas uma forma primária de raciocinar resulta na imbricação entre comunicação, pensamento e sociabilidade. Essas três instâncias são, em Cooley, inseparáveis e mutuamente dependentes, são aspectos ou instâncias diferentes de um mesmo processo social. A tríade comunicar, pensar e sociabilizar pressupõe imaginar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Charles Horton Cooley (1864-1929) vivia no mundo da Lua. Em seu diário, resume sua infância debilitada: “Minha vida mais intensa sempre era uma vida imaginária. Eu fazia um pouco, lia uma grande quantidade e almejava infinitamente” (COOLEY *apud* CZITROM, 1982, p.94). Mesmo na vida adulta, o professor pioneiro na área de sociologia da Universidade de Michigan era de pouca interação com os colegas e de muitas conversas consigo mesmo pelos corredores do campus.

Cooley era um homem “embrulhado em seu próprio mundo” (ANGELL, 1955, p.xvii), seus livros sociológicos eram maturados ao longo de anos antes de serem publicados e tinham como fonte de dados unicamente a literatura e a observação da vida cotidiana ao redor. Seus estudos de casos favoritos são anotações sobre a infância e desenvolvimento de seus próprios filhos. E, talvez, por viver no mundo da Lua, foi capaz de perceber a relevância social da imaginação.

Quando suas companhias eram muito mais Goethe e Emerson que seus colegas e estudantes, parece natural que Cooley afirme que as pessoas imaginadas sejam tão sociais quanto as pessoas de carne e osso. Cooley, porém, vai além e mostra que mesmo as pessoas de carne e osso existem exclusivamente como imaginação na sociedade, porque as relações sociais ocorrem na instância mental, não na física.

E se para Cooley, pensar equivale a um diálogo imaginário consigo mesmo, pensar, imaginar, comunicar e sociabilizar se imbricam de maneira indissociável. “A sociedade é mais um aspecto da vida que uma coisa por si; é vida considerada a partir do ponto de vista das relações pessoais. [...] Sociologia, eu suponho, é a ciência dessas coisas” (COOLEY, 1922, p.135).

REFERÊNCIAS

- ANGELL, Robert Cooley. Introduction. In: **The Two Major Works of Charles Horton Cooley**. Glencoe: The Free Press, 1956.
- ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BLUMER, Herbert. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Berkeley: University of California Press, 1969.
- COOLEY, Charles Horton. The Theory of Transportation [1894]. In: ANGELL, Robert Cooley (org.). **Sociological Theory and Social Research: Selected Papers of Charles Horton Cooley**. New York: Kelley, 1969a, pp. 17–120.
- _____. **Human Nature and Social Order**. New York: C. Scribner’s Sons, [1902], 1922.
- _____. **Social Organization: A Study of the Larger Mind**. New York: C. Scribner’s Sons, 1909.
- _____. **Social Process**. New York: C. Scriber’s Sons, 1918.
- _____. **Life and the Student**. New York: Alfred a Knopf, 1931.
- COSER, Lewis. Charles Horton Cooley. **Masters of Sociological Thought: ideas in historical and social context**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971, pp.305-330.
- _____. Tendências Americanas. In: BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert (orgs.) **História da análise sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, pp.379-420.
- CZITROM, Daniel. **Media and the American Mind: From Morse to McLuhan**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1982.
- JANDY, Edward. **Charles Horton Cooley: his life and his social theory**. New York: The Dryden Press, 1942.
- KNOWLTON, Jerome. **Thomas McIntyre Cooley**. Michigan Law Review, vol.5, 1907, pp.309-325.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- WARNER, Robert. Foreword. In: BARTLETT, Nancy; KOEHLER, Kathleen. **A Book of Days: 150 Years of Student Life at Michigan**. Ann Harbor: The Alumni Association of The University of Michigan, 1987. n.p.